

1. *“Faltando o vinho, a Mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm vinho!’”* (João 2,3).

Estas palavras do Evangelho escrito por São João, enviam-nos às bodas de Caná da Galiléia, aonde Jesus transformou a água em vinho a partir da solicitação de Sua Mãe (cf. Jo 2,1-12). Neste célebre episódio, entre outros importantes elementos, transparece o **poder intercessório de Maria junto a seu Filho Jesus**, encaminhando-lhe a necessidade dos noivos e dos convidados para a festa (falta de vinho) e, obtendo a realização do primeiro dos sinais de Jesus (a transformação da água em vinho), evitando, deste modo um dissabor.

Esta capacidade de intercessão de Maria prossegue continuamente, sobretudo após a sua Assunção ao Céu. A Igreja a tem experimentado ao longo dos séculos. Ensina o Papa: *“Nas bodas de Caná, o Evangelho mostra precisamente a eficácia da intercessão de Maria, que se faz porta-voz junto de Jesus das necessidades humanas: ‘Não têm vinho’ (Jo 2,3)”* (Da Carta Apostólica **“Rosarium Virginis Mariae”**, de João Paulo II, n°16 – Disponível em www.vatican.va).

2. Uma das maneiras mais eficazes e poderosas de recorrermos à gloriosa e celeste intercessão da Mãe de Deus é, o **Santo Rosário**. Eis o que afirma Santo Antônio Maria Claret: *“Mil vezes felizes aqueles que praticam a devoção do Rosário, porque receberão de Maria muitas e grandes graças em vida e mais especialmente na hora da morte e por fim, a glória eterna”*.

O Rosário é oração simples, mas poderosa, e tantos tem se beneficiado com esta oração. Com ela podemos enfrentar vitoriosamente as forças do mal que se desencadeiam contra os homens para os perder. Através dela podemos confiar à Maria todas as preocupações, necessidades, dificuldades, problemas, intenções e esperanças pessoais, das famílias, da Igreja e do mundo. É oração pela paz e pela família, com a qual podemos implorar a paz para este mundo que tanto dela carece e, com a qual as famílias podem enfrentar os desafios e ameaças que pairam sobre elas.

“O Rosário é ao mesmo tempo meditação e súplica. A imploração insistente da Mãe de Deus apóia-se na confiança de que a sua materna intercessão tudo pode no coração do Filho. Ela é ‘onipotente por graça’, como, com expressão audaz a ser bem entendida, dizia o Beato Bártolo Longo na sua Súplica à Virgem. Uma certeza esta que, a partir do Evangelho, foi-se consolidando através da experiência do povo cristão. (...) No Rosário, Maria, santuário do Espírito Santo (cf. Lc1,35), ao ser suplicada por nós, apresenta-se em nosso favor diante do Pai que a cumulou de graça e do Filho nascido das suas entranhas, pedindo conosco e por nós” (Da Carta Apostólica **“Rosarium Virginis Mariae”**, do Papa João Paulo II, n°16 – Disponível em www.vatican.va).

3. *“Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém”!*

Quantas vezes, com estas palavras, dirigimo-nos à Maria suplicando os seus rogos! Por acaso permanecerá Ela insensível aos gemidos dos seus filhos? Não os socorrerá em todas as suas tribulações? Não os assistirá na hora derradeira? Quem é devoto de Maria e a invoca com o Rosário, conhece, por experiência, poder e o amor desta boa Mãe! Não deixemos de rezar o Rosário, todos os dias. Na hora da morte, diremos: “Bendita hora em que me decidi a rezar o Rosário”!

4. *“A Igreja reconheceu sempre uma eficácia particular ao Rosário, confiando-lhe, mediante a sua recitação comunitária e a sua prática constante, as causas mais difíceis. Em momentos em que estivera ameaçada a própria cristandade, foi à força desta oração que se atribuiu a libertação do perigo, tendo a Virgem do Rosário sido saudada como propiciadora da salvação.*

À eficácia desta oração, confio de bom grado hoje – como acenei ao princípio – a causa da paz no mundo e a causa da família” (Da Carta Apostólica “Rosarium Virginis Mariae”, de João Paulo II, nº 39 – Disponível em www.vatican.va)

“Com a recitação fervorosa do Rosário, pode mudar-se a sorte do mundo” (Do Discurso do Papa João Paulo II aos jovens universitários da Europa, depois da recitação do Rosário na Sala Paulo VI, em 15/03/2003 – Extraído de L’Osservatore Romano de 22/03/2003).